


As criações de Nietzsche em Gênova: *Aurora*, uma amiga da agilidade lenta

Nietzsche's creations in Genoa: Dawn, a friend of slow agility

Clademir Luís Araldi ^[a] 

Pelota, RS, Brasil

^[a] Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Patrícia Boeira de Souza ^[b] 

Pelota, RS, Brasil

^[b] Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

Como citar: ARALDI, Clademir Luís; SOUZA, Patrícia Boeira de. As criações de Nietzsche em Gênova: *Aurora*, uma amiga da agilidade lenta. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 38, e202633577, 2026. DOI: <https://doi.org/10.1590/2965-1557.038.e202633577>

Resumo

Partindo das vivências na estada de Nietzsche em Gênova, na época de elaboração de *Aurora*, pretendemos neste artigo investigar a “agilidade lenta”, como um traço distintivo da vida e do tipo de pensador de espírito livre. Num primeiro momento tratamos do temperamento próprio de Nietzsche, da sazonalidade de suas experimentações no conhecimento e na arte de viver. É desse corpo situado e imerso em distintos “climas da alma”, com as marcas do outono-inverno genovês, que emerge a paixão do conhecimento. Avançamos, enfim, com a acentuação da agilidade lenta, com sua configuração de novos ritmos de suavidade, a prenunciar novas auroras. A gaia sabedoria consiste nesse lento trabalho

[a] Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e-mail: clademir.araldi@gmail.com

[b] Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e-mail: patiboeira@hotmail.com

sobre si, no intenso e paciente esforço nas “curas lentas”, como precioso fruto da estação de Nietzsche em Gênova.

Palavras-chave: Nietzsche. Gênova. *Aurora*. Agilidade lenta. Paixão do Conhecimento.

Abstract

Based on Nietzsche's experiences during his stay in Genoa, at the time of writing Dawn, this article aims to investigate "slow agility" as a distinctive feature of life and of the free-spirited thinker. We begin by discussing Nietzsche's temperament and the seasonality of his experiments in knowledge and the art of living. It is from this body, situated and immersed in different "climates of the soul," marked by the Genoese autumn and winter, that the passion of knowledge emerges. Finally, we move forward with an emphasis on slow agility, with its configuration of new rhythms of gentleness, heralding new dawns. Gaia wisdom consists of this slow work on oneself, in the intense and patient effort of "slow cures," as the precious fruit of Nietzsche's season in Genoa.

Keywords: Nietzsche. Genoa. Dawn. Slow agility. Passion of Knowledge.

Introdução

Lento é o vivenciar de todas as fontes profundas: muito têm de
esperar, até saberem o que caiu em seu fundo.
Za / Das moscas do mercado [Nietzsche]

A primeira passagem de Nietzsche por Gênova foi no outono de 1876, pouco antes de sua estada em Sorrento. Foi nessa época que começou a sua Filosofia do espírito livre, como ele reconhece posteriormente¹. Entretanto, Nietzsche ainda era professor extraordinário da Universidade da Basileia, mesmo após a publicação de *Humano, demasiado humano*², em 1878. Ele se afasta definitivamente da Universidade em meados de junho de 1879. Com isso inicia propriamente sua vida de filósofo errante. No segundo semestre de 1879 Nietzsche viajou para Berna, Zurique, Leipzig, Graubünden, St. Moritz, buscando lugares de cura para os rigores do inverno. Mas justamente ele passa esse inverno (1879-1880) em Naumburg, na companhia da mãe e da irmã. Em 1880 ele deixa o “lar” materno para estadas de várias semanas em Riva del Garda, Veneza e Marienbad (Boêmia). Após visitar novamente a mãe, ele se dirige em outubro para Stresa, no Lago Maggiore. Em novembro de 1880, o intrépido Nietzsche chega a Gênova, para a sua estada de inverno, que durou mais de quatro meses³.

A obra que, enfim, foi nomeada por seu autor de “Aurora”, começou a ser escrita em outros lugares. As primeiras anotações para *Aurora* ocorrem em Naumburg e em Riva del Garda, onde o Filósofo errante⁴ passou as semanas anteriores. Seus estados de saúde e de ânimo estavam ruins, como ele expressa na carta a Malwida von Meysenbug, de 14 de janeiro de 1880:

Pois a terrível e quase incessante tortura da minha vida faz-me ansiar pelo fim e, após alguns sinais, o derrame cerebral redentor está suficientemente próximo para que eu tenha esperança. No que diz respeito ao tormento e à renúncia, a vida dos meus últimos anos pode ser comparada à de um asceta de qualquer época.⁵

Em Veneza, posteriormente (de março a julho de 1880), ele continua a escrever a sua nova obra, que à época tinha como título: *L'ombra di Venezia*.⁶ É uma época de muitas leituras científicas: Spencer,

¹ Como ele reconhece na carta a Louise von Salomé, de 3 de julho de 1882, que, com a Gaia ciência teria completado “a obra de 6 anos (1876-1882), minha época de espírito livre (Freigeisterei) inteira”. Nietzsche ficou quase sempre acamado em Gênova, com dor de cabeça, entre os dias 21 e 23 de outubro de 1876.

² Serão utilizadas as seguintes abreviaturas para citar as obras de Nietzsche: HH (Humano, demasiado humano), OS (O Andarilho e sua sombra), A (Aurora) GC (A gaia ciência), Za (Assim falou Zaratustra), BM (Além do bem e do mal), GM (Genealogia da moral), EH (Ecce homo) e FP, para os fragmentos póstumos por nós traduzidos, conforme a convenção adotada pelos editores G. Colli e M. Montinari, na *Kritische Studienausgabe* (KSA), e seguida por Paolo D'Iorio, na edição eletrônica e-KGWB: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

³ Acerca do roteiro das viagens de Nietzsche de novembro de 1880 a março de 1881 cf. Friedrich Nietzsche, 2000, p. 478-485.

⁴ Nietzsche encerra a carta do final de julho de 1879 (a Paul Rée), de St. Moritz, assumindo sua condição de “errante”: “Friedrich Nietzsche, anteriormente Professor, agora *fugitivus errans*.” <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1879,869>

⁵ <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1880,2>

⁶ Em junho de 1880, Nietzsche propôs o título “A Relha do Arado” (Die Pflugschar). Ainda em 25 de janeiro de 1881, quando ele envia a Peter Gast o manuscrito da obra, o título era: “A Relha do Arado. Pensamentos sobre preconceitos morais” (Die Pflugschar. Gedanken über die moralischen Vorurtheile). Por sugestão de Peter Gast, Nietzsche mudou o título para “Uma aurora. Pensamentos sobre os preconceitos

Baumann, Stendhal, Lubbock (*O surgimento da civilização*), Wackernagel (sobre bramanismo e budismo), e também de interesse em obras literárias: de Byron, Sainte-Beuve, Mérimée, Musset, Emerson.

É importante notar a influência benéfica que teve para o Filósofo Errante a temporada de primavera-verão em Veneza: “Minha saúde esteve melhor em Veneza do que em Naumburg e em Riva, minha aparência é boa” (a F. Overbeck, 22 de junho de 1880⁷). A sazonalidade é marcante para a saúde, para o temperamento e para o curso dos pensamentos de Nietzsche. Mas a saúde piora nos meses seguintes, em Marienbad: “Sofro de fadiga e mau-humor, que são o efeito da água de Marienbad” (à mãe Franziska, 10 de julho⁸). De modo que seu temperamento melancólico aflora novamente no outono, em Naumburg, e em Stresa: “sempre mais melancólico e calado”. Curiosamente, o Filósofo que iniciava a sua errância filosófica, permaneceu vários meses em Naumburg, na proximidade da família. Entretanto, o ambiente familiar o deixava ainda mais doente. Assim se inicia a senda de Nietzsche até Gênova, que teve ainda uma longa viagem até Stresa (Lago Maggiore, “3 dias na pior situação possível”), onde ele permanece por quatro semanas. Em 7 de novembro (de Stresa) ele desabava, na carta a Heinrich Köselitz: “Sempre doente, muitíssimo tempo na cama, atingido pelo inverno, dizendo duzentas vezes diariamente: “O que há de errado comigo!” [*Was liegt an mir!*]⁹

Nesse estado de confusão e miséria chega Nietzsche em Gênova, ainda tendo que procurar uma moradia. Um dos primeiros passeios é ao *Campo santo* (cemitério). Justamente nesse período de doença física e de melancolia, expressa-se com mais vigor a “vontade de saúde”, a sua busca por luz, leveza e serenidade:

Quando o sol está brilhando, vou sempre para um rochedo solitário à beira-mar e me deito lá tranquilamente sob meu guarda-sol, como um lagarto; isso já ajudou a aliviar a minha cabeça várias vezes. Mar e céu puro! Como eu costumava me torturar! (carta à mãe e à irmã, de 8 de janeiro de 1881)¹⁰.

A menção ao lagarto nessa carta, que será analisada mais adiante, é ilustrativa do temperamento perceptivo do filósofo, em busca de novos lugares para a cura de seus padecimentos físicos e anímicos, e para encontrar novos “climas da alma”. O inverno genovês, nesse sentido, trouxe a Nietzsche serenidade, novos ares e luzes para a sua escrita, para as criações e recriações de si, enquanto pensador de espírito livre.

Temperamento e sazonalidade nas andanças filosóficas de Nietzsche

Este artigo busca expressar nuances da tessitura da obra *Aurora*, à medida que faz um apreço elogioso a certa lentidão, acrescentando a atribuição de agilidade ao lento. ‘Agilidade lenta’ é uma sabedoria possível, uma abertura para suspender alguns automatismos, para cultivar tempo de qualidade para que, por exemplo, os próprios sentidos passem a se situar desde outra atenção, abrindo

morais” (Eine Morgenröthe. Gedanken über den moralischen Vorurtheile). Enfim, na carta a Peter Gast, de 20 de março de 1881, Nietzsche enfim determina: “Nicht ‘Eine Morgenröthe’, sondern nur ‘Morgenröthe’” (“Não ‘Uma Aurora’, mas somente ‘Aurora’”).

⁷ <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1880,33>

⁸ <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1880,39>

⁹ <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1880,60>

¹⁰ <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1881,75>

caminhos para novas sensações e sentimentos, já que para Nietzsche “os hábitos de nossos sentidos nos envolveriam em possíveis mentiras e na fraude da sensação” (A 117). Essa passagem é parte do aforismo intitulado “Na prisão” em que Nietzsche dirá que tais fraudes e mentiras da sensação são os fundamentos de nossos juízos e “conhecimento”, devido aos hábitos de nossos sentidos. Tal consideração pode à primeira vista parecer determinista ou aprisionadora, ao destacar a preponderância de hábitos. No entanto, sugere também uma provocação. E é a partir dela que se pode encaminhar uma interpretação que leve em conta outros pressupostos do pensamento de Nietzsche. A afirmação de “não haver escapatória”, no modo como aparece no mesmo aforismo, aponta que o próprio erro é parte constitutiva da experiência de perceber e conhecer. E no aforismo 119 de *Aurora*, Nietzsche fala da inevitável interferência da moral nos impulsos, na organização, e “na inanição e definhamento de uns (impulsos) e na alimentação excessiva de outros”. Ainda que essa concepção traga consigo traços de um certo fatalismo, ela não se configura como determinista — sobretudo porque esse fatalismo é assumido por um temperamento leve e luminoso, sem o peso tácito de um pessimismo schopenhaueriano de obscuridades. É importante lembrarmos, que em *Humano Demasiado Humano I*, um livro para espíritos livres, no aforismo intitulado “Para tranquilizar”, Nietzsche diz que, justamente o temperamento de uma pessoa decide sobre os efeitos do conhecimento, e defende “o pairar livre e destemido sobre os homens, costumes, leis e avaliações tradicionais das coisas”, como “a condição mais desejável” de um temperamento de fundo alegre (HH I 34). Em “Viver e Inventar” (A 119) descreve, por meio de perguntas sobre os processos fisiológicos desconhecidos que atuam em nós, que há um universo desconhecido de forças e impulsos que são linguagens manifestas respondendo a estímulos nervosos. Em seguida, por meio de um exemplo, que diz ser trivial, evidencia um pouco desse funcionamento, e na medida em que utiliza a palavra “inventar”, abre brechas para outras modulações possíveis. Podemos observar no aforismo 103 de *Aurora* um aspecto importante e relacional, em que Nietzsche escreve: “temos que aprender a pensar de outra forma – para enfim, talvez bem mais tarde, alcançar ainda mais: sentir de outra forma”.

Não desejamos atribuir a *Aurora*, de modo generalista, uma desenvoltura, tal como a mencionada “agilidade lenta”. Entretanto, assim como conceitos emergem e são observados no interior das obras, a tessitura de uma desenvoltura pode ser assimilada e despontar como um elemento sugestivo para a filosofia¹¹.

Dar-se a conhecer desafia, e a experimentação compreendida desde os meandros da filosofia nietzscheana em *Aurora* abre curso para a potenciação de sabedorias “mínimas”, “fundando pequenos Estados experimentais” (A 453); como, por exemplo, o mistério e a suculência de uma fruta entregues às nossas sensações, seu sabor colorido, como canta Geraldo Azevedo. Queremos aqui destacar que,

¹¹ Nietzsche, no aforismo 28 de *Além do bem e do mal*, escreve sobre a complexidade de traduzir, não apenas palavras, mas o tempo, o andamento de um estilo. Trata-se do que é próprio dos espíritos livres. O ponto não é meramente técnico. A sutileza e a profundidade da questão estão na evocação dessa leveza, desse presto, dessa espirituosidade que permite transitar entre um pensamento grave e um ritmo audacioso.

para Nietzsche, o conhecer possui dimensões radicalmente estéticas¹², que também se modulam desde uma acuidade em relação aos mistérios e belezas de conhecer e propor.

Evidenciamos que tais reflexões são pensadas no horizonte, no registro da tipologia do espírito livre. Logo, mesmo que a questão da paixão pelo conhecimento possua uma possível escala (assim como alternâncias em seu andamento e expressividade) no que diz respeito aos escritos intermediários e ao que é determinante e está no cerne, no coração da tipologia do espírito livre – há elementos sobressalentes e que parecem querer vigorar, como podemos observar na consideração que Nietzsche realiza em *Além do bem e do mal*, no primeiro aforismo do capítulo segundo, intitulado “O Espírito livre”, sobre a vontade de saber assentada sobre uma base bem mais forte, a vontade de não saber, de incerteza, de inverdade: característica do fazer científico. Vontade de não saber não como oposto da vontade de saber, mas como seu refinamento (BM 24). Nietzsche demonstra, nesse sentido, uma atenção singular a detalhes, minúcias, matizes que facilmente escapam a generalizações, ou seja, por exemplo, não é porque essa característica do fazer científico é propositiva, que a paixão do conhecimento e a experimentação serão compreendidas em sua amplitude sob o escopo das proporções e métricas científicas.

Pensar andamentos e expressividades em relação às corporeidades é um pouco, sugerir, experimentar e compreender como o corpo, em seus ritmos múltiplos possíveis ressoa com a cadência da vida, principalmente ao que tange as incursões e dinâmicas da tipologia daquele que pensador/pensadora de espírito livre – porque aqui, neste texto, consideramos os investimentos, as demandas filosóficas oriundas dos escritos de Nietzsche, bem como as desenvolturas extraídas a partir da vivência junto à obra Aurora. Nesse registro, sobre andamentos e expressividades, a linguagem musical, por exemplo, que também um código sonoro se torna uma chave de leitura dos movimentos corporais: impulsos que eclodem como intensidades subidas, ressonâncias que se prolongam, que se dilatam como ecos e respirações delongadas, desenvolturas também desconhecidas de funcionamentos que modulam intensidades de gestos, esquecimentos que silenciam ou suspendem fluxos. O corpo, assim, aparece como campo de ritmos, de harmonias, de disposições para modulações intuituais que gerem consistências.

Agilidade lenta e temperamento, ainda que possam ser pensados como constitutivos de um conjunto de importâncias que configuram a tal “arte que se sobressai” de Aurora, serão tratadas mais especificamente a partir da atmosfera do livro V em que se concentram reflexões sobre o pensador/pensadora, para o pensador/pensadora, bem como a tudo que pode ser pessoal-universal; movimentos perspectivos, sutilezas psicológicas profundas, nuances, além da evidente experiência existencial de Nietzsche como pensador e experimento (*Versuch*). No mais, ainda que este artigo seja oriundo de uma motivação situada no livro V, atravessamentos outros sorvidos de cartas e de outras passagens dos demais livros de Aurora serão articuladas, principalmente porque parte do pano de fundo deste artigo é o tema da paixão pelo conhecimento, nesse caso pensada desde a tríade: sazonalidade, agilidade lenta e temperamento, como palavras que condensam um pouco da intencionalidade do texto. Sazonalidade é um termo que participa mais de outras áreas do

¹² Em A 550, Conhecimento e beleza, Nietzsche escreve que “a felicidade do homem que conhece aumenta a beleza e torna mais ensolarado tudo o que há; o conhecimento põe beleza não só em torno das coisas, mas, com o tempo, nas coisas” – ainda que ao fim circuite o aforismo ao dizer “sobre o ser panegirista das coisas”. Aumentar a beleza em torno e nas coisas, também dá, gera, alegria aos impulsos próprios.

conhecimento, que em síntese diz respeito a eventos que ocorrem em determinadas épocas/estações, mas aqui opera de modo sugestivo e relacional às considerações oriundas dos escritos de Nietzsche sobre refinamento perceptivo¹³, e de modos assimilatórios, como aguçamento da experiência sensorial¹⁴ desde outras temporalidades: dilatação do tempo de imersão e experiência, com vistas ao autoconhecimento, a uma epistemologia da experiência¹⁵ – ou seja, queremos, através dessa palavra de importância para a dimensão ecológica e para a sustentabilidade, e que possui várias especificidades que compõem seu sentido, dar ênfase a um conhecimento que a constitui, que é a ênfase à importância de conhecer, por exemplo, a vegetação nativa dos lugares, os biomas, e aquilo que a natureza produz em determinado território sem necessidade de intervenção, em que a biodisponibilidade¹⁶ dos nutrientes ao que se refere aos alimentos é maior, levando em consideração que nosso corpo possui necessidades e mais bem se autorregula nessa relação com a natureza. De certo modo, a menção a esses aspectos relacionados à sazonalidade nos oportuniza dialogar com outras facetas e camadas desse conhecimento, bem como dar atenção à relação corpo – clima – território – alimentos, que foram aspectos de bastante interesse nas travessias filosóficas de Nietzsche¹⁷. Não trataremos desse conceito minuciosamente ao longo do texto, mas acreditamos podermos adquirir através da imersão e da vivência minuciosa em seus escritos, conhecimentos dessa mesma matriz e depurar experiências, pois, “quando compreendemos¹⁸, ficamos amáveis, felizes, inventivos, e sempre que aprendemos tão só o bastante e criamos olhos e ouvidos, nossa alma exhibe mais encanto e maleabilidade” (A 565), ainda que em seguida, nuançando ou fazendo coexistir outro aspecto dirá que

[...] compreendemos muito pouco e somos pobremente instruídos, de modo que raramente acontece abraçarmos uma coisa e nos fazermos, com isso, dignos de amor: andamos rígidos e insensíveis através da cidade, da natureza, da história, e gabamo-nos um tanto por essa atitude de frieza, como se fosse efeito da superioridade. (A, livro V, 565).

¹³ Refinar a própria percepção; refinar, aguçar a própria fisiopsicologia [“atuar no coração do investigador” (BM 23)]; refinar a compreensão que temos sobre nossos sentimentos, suas possíveis derivações (A 35); bem como compreender os impulsos que atuam em nós, ainda que muito desse processo seja desconhecido por nós – (Cf. A 99; A 102; A 118; A 119).

¹⁴ Camadas de um estudo fisiopsicológico de si, a partir da conversa com os preconceitos morais, no sentido de juízos prévios, que se precipitam, que precipitam a desenvoltura e o julgamento.

¹⁵ Considerando o trabalho e o modo de proceder do espírito livre, do experimentador, e do aguçamento dionisíaco.

¹⁶ <https://www.fsp.usp.br/sustentarea/>

¹⁷ Lemos em Porque sou tão inteligente (sagaz), Nietzsche desenvolver e descrever minúcias sobre sua relação sutil com os alimentos, lugares, climas e suas preferências. Importante que, no meio de tudo aquilo que parece apenas autorreferenciar-se, saltam-nos matrizes reflexivas, atualizações de pontos fundamentais de outras obras; importâncias filosóficas, sobre “o tempo do metabolismo”, sobre a possível fineza que se pode ter “de instintos em relação ao clima”, e diz “após longa prática saber ler em si os influxos de origem climática e meteorológica” – sabemos que essas compreensões podem ser lidas pela perspectiva de um tipo que era hipersensível, e atribuímos a essa hipersensibilidade um teor negativo. Há, contudo, outras perspectivas, como a beleza da perceptividade, como aquela que propõe filosoficamente visibilidade e atenção a essas relações mencionadas no corpo do texto – corpo-clima-território-alimentação. Em A gaia ciência, aforismo intitulado Algo para homens trabalhadores, pergunta: “existe uma filosofia da alimentação?” (GC7).

¹⁸ Ainda que possamos nos enganar – conferir o aforismo 333 de A Gaia Ciência, “O que significa conhecer”; assim como no aforismo 116 de Aurora sobre a ilusão de saber, de saber com precisão, principalmente em relação ao que produz a ação humana. No aforismo A 125 “caso exista o compreender’.

Importa lembrar que o que foi anteriormente elaborado leva em consideração que Nietzsche foi um pensador andarilho, um viajante em busca de novas paisagens externas e internas, atento às interações; observava o clima, os ventos, as cores, os alimentos, as paisagens, estradas, penhascos, montanhas, o mar e as falésias, bosques, colinas, pequenos vilarejos; observava não apenas no sentido de identificação, ou porque possuía suas idiossincrasias e fragilidades de saúde – salvo se, conforme o aforismo A 218, admitirmos com Nietzsche que as idiossincrasias, fraquezas e fragilidades podem ser matéria, ou pano de fundo de suas criações – observava experimentalmente porque tinha interesse nos processos de interação e na produção de saberes relacionais imanentistas, como a medicina (a idealizada por Nietzsche, ou seja, uma medicina não dualista); a fisiologia e a psicologia, que tendem em sua filosofia a relacionar-se gerando perspectivas fisiopsicológicas. Além disso, e com especial relevância neste texto, destacamos características que podem ser compreendidas desde a perspectiva de uma geografia dos afetos, de espacialidades vividas, de afetos que se espraíram, como no caso de Nietzsche em Gênova, um exemplo luminoso de “praia da imanência”. Esse exemplo remete não apenas à geografia dos afetos como sabedoria imanentista, é possível ainda pensar, em ressonância com a geo-filosofia¹⁹: tanto no sentido de que o pensamento acontece sobre uma superfície e que “é necessário permanecer valentemente na superfície (por profundidade), na dobra, na pele, adorar a aparência, acreditar em formas, em tons, em palavras” (GC, Prólogo 4)²⁰, seja no sentido de um pensamento que não se quer sedentário²¹, ou ainda no sentido de “uma cabeça terrena, que cria sentido na terra” (Za, Dos Transmundanos).

Nietzsche foi um pensador em movimento: fazia longas caminhadas ao ar livre, passava muito tempo sozinho, não por acaso fazia das cartas um meio privilegiado de conversação. Cartas que também são viajantes, endereçadas a alguém, a caminho de alguém, movimentando uma mensagem de pensador em trânsito – um outro tempo da comunicação. E as cartas mudam de tom, de temperamento e humor, conforme o destinatário, como poderemos notar por ocasião das três cartas escritas no mesmo dia, com a imagem do lagarto.

A agilidade lenta e a paixão do conhecimento

... era de um erotismo abrangente

Podemos observar em *Aurora* a repetição da atmosfera de “ares lentos”, de cultivo de desenvolturas lentas²². Essa repetição é intercalada com andamentos distintos, como o *allegro* e o *vivace*, entremeada com

¹⁹ Além dos sentidos desenvolvidos no corpo do texto, Deleuze e Guattari (1997) reconhecem em Nietzsche o fundador da geo-filosofia.

²⁰ Sem jamais esquecer, concomitantemente, que “deveríamos respeitar mais o pudor com que a natureza se escondeu por trás de enigmas e coloridas incertezas” (GC, Prólogo 4). Em A 527 observam-se outros aspectos sobre o pudor e o oculto.

²¹ As caminhadas para Nietzsche funcionam como movimento, como um andamento (andante) propulsor do pensamento.

²² Em *Aurora*, há algo de sugestivo nas mudanças ou alternâncias de andamento. O lento, elogiado, mostra-se como uma expressão de agilidade e sabedoria. Se pensarmos, por exemplo, em terrenos movediços (lama, areia movediça, pântanos) a melhor estratégia é agir lenta e gradualmente. Se tomarmos esse exemplo como estratégico para pensar os meandros de *Aurora*, não nos servirá apenas na empreitada contra a moral, mas também, o lento constitui uma erótica própria, a sedução do tempo dilatado. É aí que a lentidão estratégica, se torna, paradoxalmente, uma forma de agilidade: permite sondar, testar, experimentar.

mudanças de andamento, como o *ritardando* e o *accelerando*. Em dimensão espaço-temporal, até mesmo o anseio por uma nova aurora pressupõe o lento avançar e escavar nas obscuras profundezas:

Neste livro se acha um “ser subterrâneo” a trabalhar, um ser que perfura, que escava, que solapa. Ele é visto – pressupondo que se tenha vista para esse trabalho na profundidade – lentamente avançando, cauteloso, suavemente implacável, sem muito revelar da aflição causada pela demorada privação de luz e ar; até se poderia dizer que está contente com o seu obscuro labor. Não parece que alguma fé o guia, algum consolo o compensa? Que talvez queira a sua própria demorada treva, seu elemento incompreensível, oculto, enigmático, porque sabe o que também terá: sua própria manhã, sua redenção, sua aurora?... (A, Prólogo, 1)

A lentidão aparece em vários momentos da obra: “dizer lentamente”; ser amigo do lento, como ele, Nietzsche e seu prólogo tardio de *Aurora*; a lenta leitura, escrever lentamente, ficar lento como uma ourivesaria; ensinamentos lentos que vão *pari passu* com as curas lentas (A 462). Todas as passagens em que essas expressões aparecem vão aclimatando, modulando e evidenciam a tessitura de um sugestivo estado de presença e duração, bem como um modo de proceder. No prólogo de 1886 observamos um investimento de profundidade, e ainda que de outro tempo, a atualizar características não apenas estilísticas da obra (linguagem e ritmo, por exemplo), mas de estados possíveis. O prólogo e os demais livros de *Aurora*, bem como os poemas que compõem os *Idílios de Messina*, podem, enquanto sugestões e articulações filosóficas, alcançar outras camadas da experiência e da relação com o ritmo lento²³, não apenas no território das abstrações e pensamentos. Até mesmo a mais evidente e importante questão sobre a desenvoltura do filólogo e da ourivesaria: a partir dessa descrição e do esmero de Nietzsche em escrever sobre essa arte extrapolamos as fronteiras de seu *presto-lento*.

Então, a começar pela arte venerável da filologia, que para Nietzsche “exige de seus cultores pôr-se de lado, dar-se tempo, ficar silencioso, ficar lento, saber da palavra que tem trabalho sutil e cuidadoso a realizar, e justamente por isso ela, a filologia é necessária e a ele atrai e encanta, pois em épocas de “trabalho”, isto é, de pressa, em que tudo quer-se logo terminar, a arte da filologia ensina a ler bem, ou seja, lenta e profundamente, olhando para trás e para diante, com segundas intenções, com as portas abertas, com dedos e olhos delicados...” (A, Prólogo 5). Entendemos que tal consideração que fecha o prólogo de *Aurora* refere-se a um modo de proceder desejado por Nietzsche àquele que lerá tal obra e que também será provocado a pensar a respeito “das palavras eternizadas, duras como pedras” (A 47)²⁴, bem como a observar o possível funcionamento e atuação da moral em suas camadas mais profundas, não sem algum desassossego e dissabor, quicá com alegria e morosa satisfação, pois que

²³ 1.No aforismo 42 de GC, “Trabalho e Tédio” escreve mais ao fim do aforismo sobre os asiáticos e sua profunda calma, “mesmo os seus narcóticos agem lentamente e exigem paciência” (GC 42). 2. Na biografia de Nietzsche escrita por Curt Paul Janz, no volume II, “Os dez anos do filósofo livre”, capítulo II Novo Terreno (“Do Andarilho até a Gaia ciência”), na subdivisão intitulada O novo estilo: a “Aurora”, Janz escreve sobre a expressividade impressionista de *Aurora*.

²⁴ “As palavras estão em nosso caminho! — Onde os antigos homens colocavam uma palavra, acreditavam ter feito uma descoberta. Como era diferente, na verdade! — eles haviam tocado num problema e, supondo tê-lo resolvido, haviam criado um obstáculo para a solução. — Agora, a cada conhecimento tropeçamos em palavras eternizadas, duras como pedras, e é mais fácil quebrarmos uma perna do que uma palavra”.

essa é potencialmente a intenção²⁵. Logo, essa passagem final do prólogo de *Aurora* condensa uma “quase fórmula” para uma arte necessária²⁶, que chamamos de agilidade lenta, *presto - lento*, que como um valioso vestígio é extraída dessa passagem com fins de pensar tessituras de temperamentos possíveis, bem como estados de experiência, desenvolturas e modos de proceder, que conduzam a secretas mudanças, e a expressivas mudanças²⁷.

Em nossos tempos de hiperaceleração, de excesso de estímulos, de fluxo ininterrupto de informações, estamos cada dia mais alvoroçados. Outro aspecto, crianças desde muito pequenas aceleradas pelos excessos de estímulos, telas pequenas e gigantes, cores saturadas nos desenhos infantis, absortas e possivelmente menos inventivas, já que capturadas. O próprio interesse pela leitura e criação de histórias desde uma experiência de vazio, “vazio como o aberto que permite uma penetração recíproca” (p.64), como escreve Byung-Chul Han no livro *Filosofia do Zen Budismo*, se escasseiam, o que acaba por prejudicar experiências imersivas, dilatadas, de escuta. Tal consideração é antes de tudo um incômodo, consequentemente uma crítica à aceleração e ao apressamento dos nossos tempos. No livro *O Desaparecimento dos Rituais*, Byung-Chul Han diz que

O regime neoliberal força a percepção serial e intensifica o hábito serial. Remove intencionalmente a duração para forçar o consumo de mais. A atualização ou atualização constante, que entretanto abrange todas as áreas vitais, não permite qualquer duração ou qualquer rescisão. A pressão constante para produzir leva à perda do lar. Por causa disso, a vida se torna mais contingente, mais fugaz e mais inconstante. Mas morar leva duração (Han, p. 11).

Apesar da digressão, e de pensamentos associativos, tais exemplos dizem respeito às reflexões de Nietzsche sobre nossos hábitos dos sentidos (A 117); sobre nossas percepções sensíveis serem atravessadas por juízos de valor²⁸; sobre a obediência e a criação de costumes (A, 9); sobre a possibilidade de construirmos novamente as leis da vida e do agir A (453)²⁹, e começar a *reaprender*³⁰ –

²⁵ No aforismo A 509, O terceiro olho Nietzsche afirma que, em quase todas as situações difíceis e dolorosas, há sempre uma pequena porta para a alegria e um refúgio. Não se trata de uma apologia do sofrimento, como se a dor fosse necessária para que se extraísse dela alguma alegria, algum ganho, também não se trata de um olhar indiferente a sofrimentos nefastos. O ponto é outro: a possibilidade de encontrar caminhos próprios diante da adversidade, o que implica uma depuração e, por vezes, um salto - talvez primeiro no vazio. Mas quem disse que o vazio não pode florescer ou fazer brilhar outras auroras? Sobre o vazio, ressoam aqui as reflexões de Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de Poder, capítulo intitulado Idiotismo, e as reflexões sobre o vazio no livro A filosofia do Zen-budismo, ambos de Byung Chul-Han.

²⁶ GC 376, Nossos tempos lentos.

²⁷ Ao modo do espírito livre, conforme A 56.

²⁸ “Nossas percepções, tal como as compreendemos: isto é, a soma de todas as percepções, cuja conscientização foi útil e essencial para nós e para todo o processo orgânico: ou seja, não todas as percepções em geral (por exemplo, não as elétricas). Isto é: nós só temos sentidos para uma seleção de percepções – daquelas que necessariamente nos importam, para que nos conservemos. A consciência só se faz presente enquanto a consciência é útil. Não há dúvida de que todas as percepções sensíveis são totalmente marcadas por juízos de valor (útil, nocivo – consequentemente, agradável ou desagradável)”. (FP 1885/86 2[95]).

²⁹ “Construir novamente as leis da vida e do agir — para essa tarefa nossas ciências da fisiologia, da medicina, da sociedade e da solidão não se acham ainda suficientemente seguras de si: e somente delas podemos extrair as pedras fundamentais para novos ideais (se não os próprios ideais mesmos)” (A 453).

³⁰ Em *Ecce Homo*, parágrafo 10 de Por que são tão inteligente (sagaz) Nietzsche afirma que é preciso começar a reaprender. Alimentação, lugar, clima, distração, toda a casuística do egoísmo, as tais nomeadas “pequenas coisas”, e desconsideradas pelos juízos tradicionais e convencionais são incondicionalmente importantes.

novas auroras, trocas de pele³¹, renovações possíveis. Nesse sentido, considerando que para Nietzsche a paixão do conhecimento está mobilizada em favor de seu projeto filosófico,

que visa desiludir a humanidade de suas ficções consoladoras - por exemplo, no que diz respeito à singularidade de suas origens e destino - e encorajando-a a buscar novas verdades e um novo tipo de sabedoria filosófica. Através de práticas novas e refinadas de observação e auto-observação, nós, como seres humanos em grande parte desconhecidos para nós mesmos, podemos nos tornar nossos próprios experimentos: Nietzsche insiste que somos experimentos e a tarefa é querer sê-lo. Devemos tornar-nos estranhos ao nosso eu comum e habitual, vendo-nos novamente como experiências de vida, de sentimento e de conhecimento.³²

Aurora, Livro V. Pensador/Pensadora: ritmos de suavidade

Tu que andas pelo mundo (sabiá)
Tu que tanto já voou (sabiá)
Tu que fala aos passarinhos (sabiá)
Alivia a minha dor
[Sabiá, Luiz Gonzaga e Zé Dantas]

Inicialmente, a acentuação da agilidade lenta também se configurava desde a imagem dos animais marinhos, mas principalmente, oriunda do réptil lagarto, que de lento não tem nada, mas que a depender das interações com o meio, passa muito tempo situado e sob a luz do Sol:

Afinal, era eu mesmo esse animal marinho: quase cada frase do livro foi pensada, pescada na profusão de rochedos perto de Gênova, onde me encontrava só e partilhava ainda segredos com o mar. Ainda hoje, ao tocar casualmente este livro, quase cada frase torna-se uma ponta, a qual puxo para novamente retirar da profundidade algo incomparável (EH, Aurora, 1).

Não só o lagarto “desliza leve e quase sem ruído”: Nietzsche atribui em *Ecce homo* também essa habilidade a Aurora e à “arte que dela se sobressai”, e que não é pequena arte, “pois retém por um momento coisas que deslizam leves e sem ruído, instantes que denomina, lagartos divinos (*göttliche Eidechsen*)” (EH, Aurora, 1). A referência ao lagarto repercute menos dos escritos de Nietzsche, mas é uma imagem bastante significativa e simbólica, pois esse animal representa movimento de renovação e pode estar relacionado aos processos de convalescença de Nietzsche. Além disso, é um animal que se termorregula sob o Sol. Nesse tempo de elaboração de Aurora em Gênova, o pensador/andarilho envia

³¹ “A primeira natureza. — Tal como agora nos educam, adquirimos primeiro uma segunda natureza: e a temos quando o mundo nos considera maduros, maiores de idade, utilizáveis. Alguns poucos são cobras o bastante para um dia desfazer-se dessa pele: quando, sob seu invólucro, sua primeira natureza tornou-se madura. Na maioria, o germen dela ressecou” (A 455).

³² “Nietzsche places the passion of knowledge in the service of a philosophical project that aims at disabusing humanity of its consoling fictions – for example concerning the uniqueness of its origins and destiny – and encouraging it to pursue new truths and a new kind of philosophical wisdom. Through new and refined practices of observation and self-observation, we as human beings largely unknown to ourselves can become our own experiments: Nietzsche insists that we are experiments and the task is to want to be such. We are to become strangers to our ordinary and habitual selves, viewing ourselves afresh as experiments of living and feeling and of knowledge.” Keith Ansell-Pearson, *Nietzsche’s Search for Philosophy*, p. 64.

três cartões postais no dia 8 de janeiro de 1881: a Heinrich Köselitz, a sua irmã e a sua mãe Franziska, e a Franz Overbeck.

Citamos anteriormente o trecho do cartão postal para a sua mãe e irmã, em que Nietzsche destaca as melhoras de saúde, como um lagarto próximo ao mar e com “céu limpo”. Para o amigo Heinrich Köselitz, ele narra de modo mais breve sua fruição do lugar luminoso, sem mencionar seu estado de saúde: “Caro amigo, não tenho nada a escrever, mas pensei bastante em você. Eu estava deitado tranquilamente à beira-mar novamente, como um lagarto ao sol, a neve brilhava pela primeira vez nos picos das montanhas distantes (ainda não chegou mais perto).”³³ Já para Franz Overbeck a ênfase do cartão postal está na dieta, nas influências benéficas do clima e na nova rotina:

Penso em você com muita frequência, especialmente quando me sento ou me deito em meu rochedo isolado à beira-mar, depois do meio-dia, quase dia após dia, repousando como um lagarto ao sol e saindo com meus pensamentos em aventuras do espírito. Minha dieta e divisão do dia deverão me fazer bem a longo prazo! Ar do mar e muito céu limpo – agora percebo que isso é indispensável para mim!³⁴

Nos três cartões postais observamos uma afetividade solitária, mas também uma satisfação em estar ao ar livre, céu aberto, silencioso, sentado ou deitado à beira-mar, descansando ao sol como um lagarto, tecendo pensamentos em busca de aventuras do espírito – são “momentos de significação intensa” e suavidade. Nesse sentido, a tessitura de um temperamento se visibiliza, desde uma multiplicidade de componentes. A importância do mar e da montanha já não se quer pensada apenas desde uma perspectiva contemplativa, mas como imagem e elemento constitutivo da experiência como filósofo, da experimentação para novos conhecimentos³⁵. Então investigações e estudos sobre fisiologia, aplicadas à dimensão dos funcionamentos dos impulsos e as desenvolvuras da pessoa³⁶ são realizadas, além de sutis preciosidades outras, que avançam e tecem, sugerem mudanças de pele (A 573).

³³ Cartão postal a Heinrich Köselitz, de 8 de janeiro de 1881: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1881,74>

³⁴ Cartão postal de 8 de janeiro de 1881, a Franziska e Elisabeth Nietzsche: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/BVN-1881,75>

³⁵ Ansell-Pearson, em *Nietzsche's Search For Philosophy*, menciona a relevância atribuída por Nietzsche à figura de Colombo, ainda que com determinadas ressalvas. A imagem funciona como metáfora do experimentador, aquele que se expõe ao risco de ser surpreendido pelo mar e pelo desconhecido. Tal imagem reforça a concepção de travessia e de desbravamento de novos mares do conhecimento, sobretudo porque, nesse escrito, a dimensão do conhecer se configura no registro dos caminhos próprios, em formulações que assumem a forma de quase fórmulas filosóficas da experiência.

³⁶ Nietzsche escreve sobre a tendência repetitiva do nosso sistema de resposta, um modo de proceder que se manifesta preponderantemente em uma pessoa. Em Aurora, nos aforismos do livro II, sobre os impulsos, §111, §117, e no §119 até certo ponto, quando se refere a respostas variadas de pessoas. como respondem a determinada vivência, mas que cada uma dessas responde tendencialmente ao modo que sacie seu impulso que a manifesta. Nietzsche evidencia que uma matriz tende a repetir-se. Ao mesmo tempo, a descrição de uma tendência que pode ser determinada, não está fadada a eternamente repetir-se. E eis aí uma das importâncias do conhecimento, ainda que o autoconhecimento seja sempre incompleto como diz no A, §119 e, no contexto do A, §103 evidencie então algo primordial: “temos que aprender a pensar de outra forma – para enfim, talvez bem mais tarde, alcançar ainda mais: sentir de outra forma”. Não é um determinismo pulsional, mas pode se tornar. No A, 35 sobre os sentimentos e derivações morais. No §109 escreve sobre combater impulsos veementes.

Um exemplo: pessoas que tendem a interpretar modos faceiros e abertos, seja via linguagem de movimentos ou de palavras faladas como uma desenvoltura com direção intencional necessariamente ou como um comportamento insinuado e desproporcional – tal compreensão é ainda numerosa e esse modo de compreender satisfaz um conjunto de valores que já atuam nas entranhas, que são também impulsos que reagem e regem, não são apenas juízos sem corpo. Como mobilizar alguém a perceber sua pobre percepção? No aforismo 321 de A Gaia ciência uma reflexão sugestiva.

O primeiro aforismo do livro V de Aurora, mais propriamente um poema em prosa³⁷, dá o tom para as desenvolturas desta última parte da obra. “Dentro do grande silêncio” transcorre no crepúsculo, quando “tudo se cala”. A escrita paradoxal sobre o silêncio enorme da natureza é um convite para o recolhimento, de modo semelhante ao mar calado, “que se estende pálido e cintilante”. Não somente a natureza (mar, falésias, recifes) se cala, mas também o coração do solitário já não pode mais falar, depois de ter se ‘inflamado’ com o silêncio/mutismo da natureza, e se apavora perante uma nova verdade ainda inominada. Essa ‘doce maldade’ que vigora no silenciar faz com que o pensador, expressando-se na primeira pessoa do singular, passe a odiar a fala “e até o pensamento”. Entretanto, esse mesmo pensador não se entrega à tentação de esvair-se no mar “pálido, mudo, grandioso”, pois espera encontrar novas fruições, novas auroras, e está imbuído de uma “nova paixão”, a paixão do conhecimento.

No aforismo 429 de Aurora, Nietzsche utiliza o “nós”, pois dirige-se aos espíritos livres (Freigeister), que possuem um impulso ao conhecimento muito forte, e não podem retroceder à barbárie, mesmo que se tornem mais infelizes por isso. Esses “amantes infelizes” não conseguem estimar uma felicidade que não estivesse acompanhada do conhecimento, nem poderiam se agarrar à “felicidade de uma firme e forte ilusão”. Essa afirmação surpreende para o filósofo que defendeu os poderes transfiguradores da arte da bela ilusão. É preciso, no entanto, que nos detenhamos no temperamento próprio desses espíritos livres, pois

O conhecimento, em nós, transformou-se em paixão que não vacila ante nenhum sacrifício e nada teme, no fundo, senão a sua própria extinção; nós acreditamos honestamente que, sob o ímpeto e o sofrimento dessa paixão, toda a humanidade tenha de acreditar-se mais sublime e consolada do que antes, quando ainda não havia superado a inveja do bem-estar grosseiro que acompanha a barbárie. (A 429)

Sem adentrar aqui nas pretensões iluministas do pensador, acerca dos benefícios e perigos que a inquietude investigadora pode trazer à humanidade, o que mais interessa aqui é mostrar a ênfase na potência afirmadora da vida que é própria da paixão do conhecimento. Nietzsche está tratando desse ímpeto (Trieb) como uma *passion*, no sentido como ele valoriza esse termo em suas leituras de Stendhal, que foram muito intensas no ano de 1880. A *Passion* é própria do temperamento meridional dos italianos, e passa a expressar a busca por intensidade de vida dos espíritos livres.³⁸

Além dessa expressão da paixão pelo conhecimento (*acelerando*), o livro V de Aurora³⁹ produz uma espécie de efeito meditativo e de suavidade, de ritmos mais lentos, e modula uma harmônica cálida, calma e quente, vermelha como a aurora que faz prenúncio a chegada do Sol, e que por vezes entre a aurora e os primeiros raios solares, guarda um tempo sem vermelhidão, um intervalo em espera.

³⁷ Cf. Schmidt, 2015, p. 57. Schmidt defende que A 423 é um “*poème en prose*”.

³⁸ Nietzsche leu Stendhal em vários momentos do ano de 1880 e do início de 1881, conforme aparece nos fragmentos póstumos e em cartas da época. Ele fala inclusive do *amour-passion*, sem mencionar explicitamente Stendhal (Cf. FP 1880 1[25] e 4[81]). J. Schmidt (2015) interpreta que a paixão (*passion*) nessas referências implícitas a Stendhal se referem também ao sentimento de poder, à intensidade de vida dos indivíduos fortes. Para sustentar essa afirmação, Schmidt cita textos posteriores (AC e EH), no contexto do culto da Renascença. Em Aurora (A 113, 140, 184, 205, 348, 356, 360) e em vários fragmentos póstumos de 1880-1881, as várias referências ao “*Gefühl der Macht*”, no entanto, não têm referência à *passion* de Stendhal.

³⁹ O livro V de Aurora não trata diretamente do tema principal da obra, a saber, a crítica aos preconceitos morais, mas da paixão do conhecimento, que é apresentada com vivacidade no aforismo 429, intitulado “A nova paixão”. Cf. Schmidt, 2015, p. 56 – 64.

No livro V encontramos reflexões que falam da importância da generosidade para o pensador (A, 459), de uma serena afabilidade no amor (A 471); da colheita do espírito e de não sermos avarentos do próprio saber (A, 476), do risco da satisfação grosseira que acompanha a barbárie (A, 429). É desde esse caminho que evidenciamos a tessitura de um temperamento, ou de estados possíveis de presença e expressividade no mundo, para uma não desistência desse tipo de potência filosófica que esmera pelo tempo da experiência dilatada no tempo, seja para a leitura, seja para a experimentação alimentar, ou mesmo a observação/participação⁴⁰ na natureza e com as pessoas. E por isso a tarefa do pensador/pensadora ser tão importante⁴¹.

Digressões do pensador. — Em alguns, a marcha do conjunto de seu pensamento é rigorosa e inexoravelmente ousada, às vezes cruel consigo mesma, mas no detalhe são brandos e flexíveis; giram dez vezes em torno de algo, com benévola hesitação, mas acabam por seguir seu rigoroso caminho. São rios de muitos meandros e afastados eremitérios; há locais, em seu curso, em que a corrente brinca de esconder consigo mesma e faz para si um breve idílio, com ilhas, árvores, grutas e cascatas: e depois prossegue, passando por rochedos e forçando caminho pela mais dura pedra (A 530).

Considerações finais

Esse texto se propôs a pensar sobre a questão da paixão do conhecimento na dimensão da observação, da auto-observação e aguçamentos possíveis, desde a suspeita e curiosidade de tendências e preponderâncias nem tão salutares, bem como possíveis sutis dissoluções: curas lentas, que estão para a dimensão experimental imediata desde as vivências, mas também precisa estar implicada com a escuta e as formulações dos saberes, como um trabalho de depuração do pensar e do sentir, desde uma seriedade alegre de gaia sabedoria.

Curas lentas. — Como as do corpo, as enfermidades crônicas da alma raramente nascem de uma única ofensa grave à razão do corpo e da alma, mas habitualmente de inúmeras pequenas negligências. — Por exemplo, quem dia após dia respira mais fracamente, ainda que num grau insignificante, e introduz menos ar nos pulmões, de forma que eles não são empenhados e exercitados o bastante, acaba por adquirir uma doença pulmonar crônica. Num caso assim, a cura não pode realizar-se por outro meio senão praticando incontáveis exercíciolos opostos e cultivando impercebidamente outros hábitos; estabelecendo a regra, por exemplo, de respirar de maneira forte e profunda uma vez a cada quinze minutos (deitado no chão, se possível; um relógio que soe nos quartos de hora deve tornar-se aí uma companhia permanente). Todas essas curas são lentas e pequeninas; também a pessoa que quer curar sua alma deve pensar na mudança dos hábitos mínimos. Há quem fale dez vezes ao dia uma palavra fria e ruim para aqueles em volta, pouco refletindo sobre isso, particularmente sobre o fato de que após alguns anos terá criado uma lei do hábito que o obriga a dez vezes ao dia aborrecer as pessoas em volta. Mas também pode habituar-se a beneficiá-las dez vezes! — (A 462).

⁴⁰ “Assim como vagueamos na natureza, astutos e alegres, para descobrir e como que flagrar a beleza própria de cada coisa, assim como, seja na luz do sol, seja com céu de tormenta, seja num pálido crepúsculo, tentamos ver como aquele pedaço de costa, com falésias, enseadas, oliveiras e pinheiros, atinge sua perfeição e mestria: assim também deveríamos vagar entre os homens, como seus descobridores e observadores” (A 468).

⁴¹ “O pensador necessita de fantasia, voo, abstração, dessensualização, invenção, intuição, indução, dialética, dedução, crítica, coleta de material, pensamento impessoal, contemplação, visão de conjunto e, igualmente, justiça e amor em relação a tudo o que existe” (A 43).

Sem dúvida, Nietzsche conhecia, através de médicos (Hipócrates, Galeno) e filósofos antigos (principalmente dos estoicos), aspectos da medicina da alma⁴². As curas lentas, tanto as do corpo quanto as da alma exigem a disposição para mudar hábitos, mesmo aqueles que parecem ser mínimos ou insignificantes, se vistos separadamente da prática terapêutica ou do modo de vida. Esse aspecto experimental imediato das vivências envolve também outros saberes, que foram colhidos nas perambulações do espírito livre. Uma ressonância desse aspecto vivencial das “curas lentas” aparece em um fragmento póstumo de 1885, em referência a Montaigne, pensador muito valorizado em Aurora e em toda a Filosofia do Espírito Livre:

Uma alma em que a sabedoria do mundo habita precisa, através de sua saúde, tornar sadio também o corpo: assim dizia Montaigne, e eu hoje dou minha anuência a isso, como alguém que tem experiência nesse domínio (FP 1885 40[59]).

A tarefa do pensador está situada no seu corpo, nas suas vivências, no lento e persistente trabalho sobre si (sua ‘alma’). Se a infinitude do mar é uma imagem para a “paixão do conhecimento”, podemos concluir que a aventura do pensador, daquele que quer pensar e viver perigosamente não se perde no horizonte do infinito. O vigor dos pensamentos solitários de Nietzsche constrói no mundo próximo e brilhante das pequenas coisas, da natureza, com um temperamento contemplativo, perceptivo, aberto para novas experimentações e vivências.

Declaração de disponibilidade de dados

O presente artigo tem como foco principal contribuições de natureza teórica ou metodológica, sem a utilização de conjuntos de dados empíricos. Dessa forma, conforme as diretrizes editoriais da revista, o artigo está isento de depósito no SciELO Data.

⁴² Para Jochen Schmidt, Nietzsche está se referindo mais às estratégias psicoterapêuticas do estico romano Marco Aurélio, a quem Nietzsche havia se referido em A 450. Nietzsche “deturparia” os ensinamentos de Marco Aurélio, que visavam à obtenção da serenidade da alma e à harmonia do indivíduo com o cosmos. Cf. Schmidt, J. Nietzsche Kommentar. Morgenröthe, p. 33s., p. 210, p. 379 s. e p. 389. Entendemos que é preciso situar essa apropriação da antiga “medicina da alma” nos sentidos e modos próprios a que Nietzsche se propõe, a saber, de estabelecer novas relações entre saúde e doença, em sua alegre sabedoria.

Referências

- ANSELL-PEARSON, K. *Nietzsche's Search for Philosophy. On the Middle Writings*. Londres: Bloomsbury Publishing, 2018.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. Tradução de B. P. Junior e A. A. Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- Friedrich Nietzsche. *Chronik in Bildern und Texten*. Munique: Stiftung Weimarer Klassik/ Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000.
- HAN, B-C. *Filosofia do zen-budismo: uma desconstrução da história da paixão ocidental*. Tradução de L. Machado. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.
- HAN, B-C. *O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Tradução de G. S. Philipson. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2024.
- HAN, B-C. *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução de M. Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio de uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio de P. C de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e posfácio de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo. Como alguém se torna o que é*. Trad. de P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Tradução, notas e posfácio de P. C de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- NIETZSCHE, F. W. *Digital critical edition of the complete works and letters, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, ed. por Paolo D'Iorio. Nietzsche Source*: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>
- SCHMIDT, J. *Kommentar zu Nietzsches Morgenröthe. Historischer und kritischer Kommentar zu Friedrich Nietzsches Werken*, vol. 3/1. Ed. pela Heidelberger Akademie der Wissenschaften. Berlim: de Gruyter, 2015.

Editores responsáveis: Léo Peruzzo Júnior e Jelson Oliveira.

RECEBIDO: 08/10/2025
APROVADO: 02/12/2025
PUBLICADO: 07/01/2026

*RECEIVED: 10/08/2025
APPROVED: 12/02/2025
PUBLISHED: 01/07/2026*